



Dá para ver a Torre de TV Digital na pausa para banho na Prainha do Lago Norte

O lago também possui áreas destinadas a diferentes usos. Há regiões destinadas ao banho, aos esportes náuticos e à motonáutica. Nas áreas preferencialmente destinadas ao banho, existem restrições para a circulação de embarcações motorizadas.

Do ponto de vista ambiental, o Brasília Ambiental alerta que o uso inadequado de motores pode provocar perturbação da fauna, erosão das margens pela formação de ondas, colisões com animais e vazamentos de combustível ou óleo. A fiscalização ambiental de poluição, descarte irregular de resíduos, lançamento de efluentes e intervenções indevidas na vegetação cabe aos órgãos ambientais, enquanto a segurança do tráfego aquaviário é atribuição da Marinha.

“O cidadão pode aproveitar o Lago Paranoá e as unidades de conservação de seu entorno de forma responsável, priorizando os espaços públicos destinados ao lazer, como parques ecológicos, monumentos naturais e demais áreas de visitação geridas pelo Brasília Ambiental”, orienta o órgão. A recomendação inclui não descartar lixo ou resíduos no lago e nas margens, não retirar plantas ou animais e não realizar intervenções na orla ou na vegetação sem autorização.

O crescimento do turismo e dos esportes náuticos, portanto, precisa vir acompanhado de planejamento. O lago pode ser mais acessível sem que isso signifique mais pressão sobre as áreas ambientalmente sensíveis.

Um lago que ainda está em disputa

A relação entre acesso e preservação aparece até nas pequenas decisões do cotidiano. Em áreas do Lago Norte, por exemplo, moradores e frequentadores convivem com discussões sobre o fechamento de acessos para veículos. O músico e frequentador do lago Fred Ribeiro, que passou a explorar o Paranoá de stand up paddle durante a pandemia e posteriormente começou a realizar passeios, defende a proteção de áreas mais sensíveis e a redução de problemas provocados por carros, lixo e som alto.

Ao mesmo tempo, ele chama atenção para situações em que o fechamento de um acesso pode atingir pessoas que precisam dele. Fred cita o caso de uma cliente cadeirante que utilizava o carro para chegar mais perto da água e, posteriormente, deixou de conseguir acessar o ponto da mesma maneira.

A questão revela uma dificuldade que se repete em diferentes partes do lago, pois uma regra criada para combater um problema pode criar outro se não considerar os diferentes públicos que utilizam o espaço. A mesma lógica vale para o crescimento das atividades náuticas. Mais pessoas na água podem significar mais acesso e mais interesse pela preservação, mas também podem aumentar a pressão sobre fauna, vegetação e margens.

Para o Brasília Ambiental, a ampliação do acesso precisa vir acompanhada de definição de locais

adequados, controle de resíduos e efluentes, proteção da vegetação, prevenção de erosões, educação ambiental e fiscalização integrada.

O que existe embaixo da água

Nem todos os segredos do Paranoá estão nas margens ou nos córregos. Alguns estão no fundo. A formação do reservatório alterou profundamente a paisagem da região. A inundação cobriu áreas que existiam antes da construção do lago, incluindo a antiga Vila Amaury, onde viviam trabalhadores ligados à construção de Brasília.

A professora Claudia Padovesi Fonseca explica que o fundo do lago possui sedimento fofo, revolido pela ação dos peixes e das correntes. Por isso, a visibilidade pode ser muito baixa em determinadas profundidades, e mergulhos sem equipamentos e acompanhamento adequado podem ser perigosos.

É uma camada menos visível da história de Brasília. A cidade que aparece nas fotografias das pontes foi construída, também, sobre paisagens que deixaram de existir depois do enchimento do reservatório. O lago, portanto, guarda simultaneamente memória e transformação. Há a Brasília que cresceu ao redor dele e a Brasília que ficou debaixo d’água.

Talvez, o maior segredo do Lago Paranoá seja justamente o fato de que ele não é estático. A paisagem muda com a chuva e com a seca. As aves aparecem em épocas diferentes. A vegetação cresce e recua. Os sedimentos se acumulam. Os cursos d’água carregam materiais para o reservatório. As margens são ocupadas, recuperadas, protegidas ou disputadas. Novas atividades surgem e outras desaparecem.

Para quem observa o lago da Ponte JK ou do Pontão, essas transformações podem passar despercebidas. Para quem pesca todos os dias, rema pelos córregos ou acompanha a água durante anos, elas são parte da rotina. Hélio percebe o assoreamento. Fernanda constata a mudança dos caminhos. Fred observa as alterações na vegetação e a presença de algas. A Caesb acompanha indicadores físicos, químicos, biológicos e microbiológicos. Os órgãos ambientais monitoram ocupações, vegetação, resíduos e atividades. A Marinha acompanha a segurança das embarcações. E crianças que antes apenas viam o lago de longe começam a entrar na água pela primeira vez. São diferentes maneiras de conhecer o mesmo lugar.

No Lago Norte, depois de sair da QI 5, a remada atravessa um cenário que mistura a cidade e a mata. A pausa na Prainha convida a um mergulho e o templo aparece na Amazônia do Lago Norte, com uma paisagem que parece de fora de Brasília. Na Lagoinha, as aves se misturam à vegetação, mostrando a beleza de um ecossistema completo. É justamente essa variedade que torna o Paranoá difícil de resumir. Ele pode ser área de lazer, fonte de abastecimento, território de pescadores, espaço para esporte, ambiente de educação, abrigo para aves, sistema ecológico e parte da memória da construção de Brasília ao mesmo tempo.

Conhecer esse lago exige mais do que olhar para ele. É preciso entrar na água, acompanhar seus córregos, ouvir quem vive de suas margens, observar as aves, entender o que chega pela bacia e reconhecer os conflitos que existem em torno de seus acessos. Porque, por trás da paisagem que Brasília aprendeu a reconhecer, existe outro lago. Um lago de árvores, canais, aves, peixes, pescadores, crianças, remadores, sedimentos e histórias. E ele continua mudando enquanto a cidade muda ao seu redor.